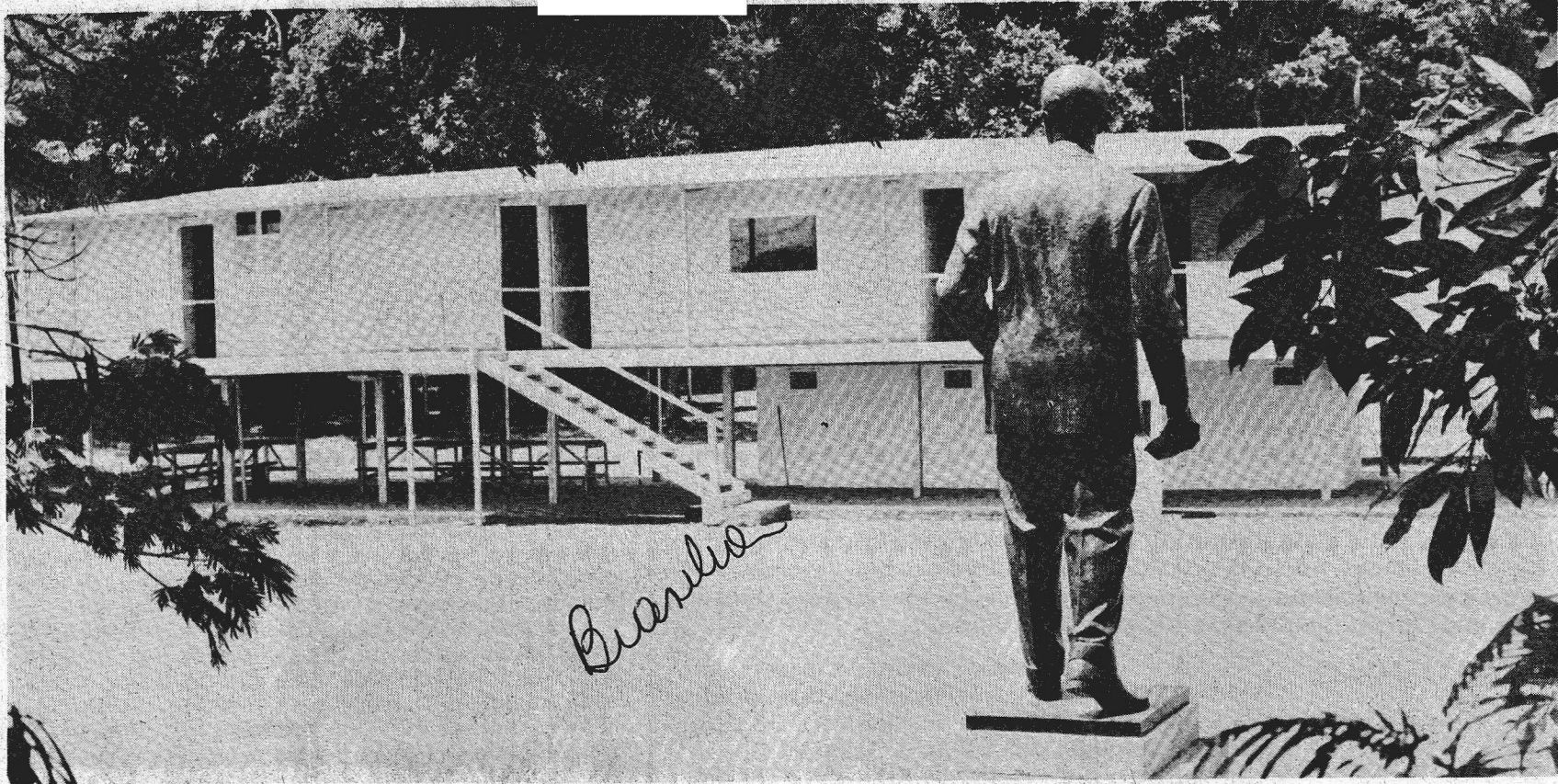
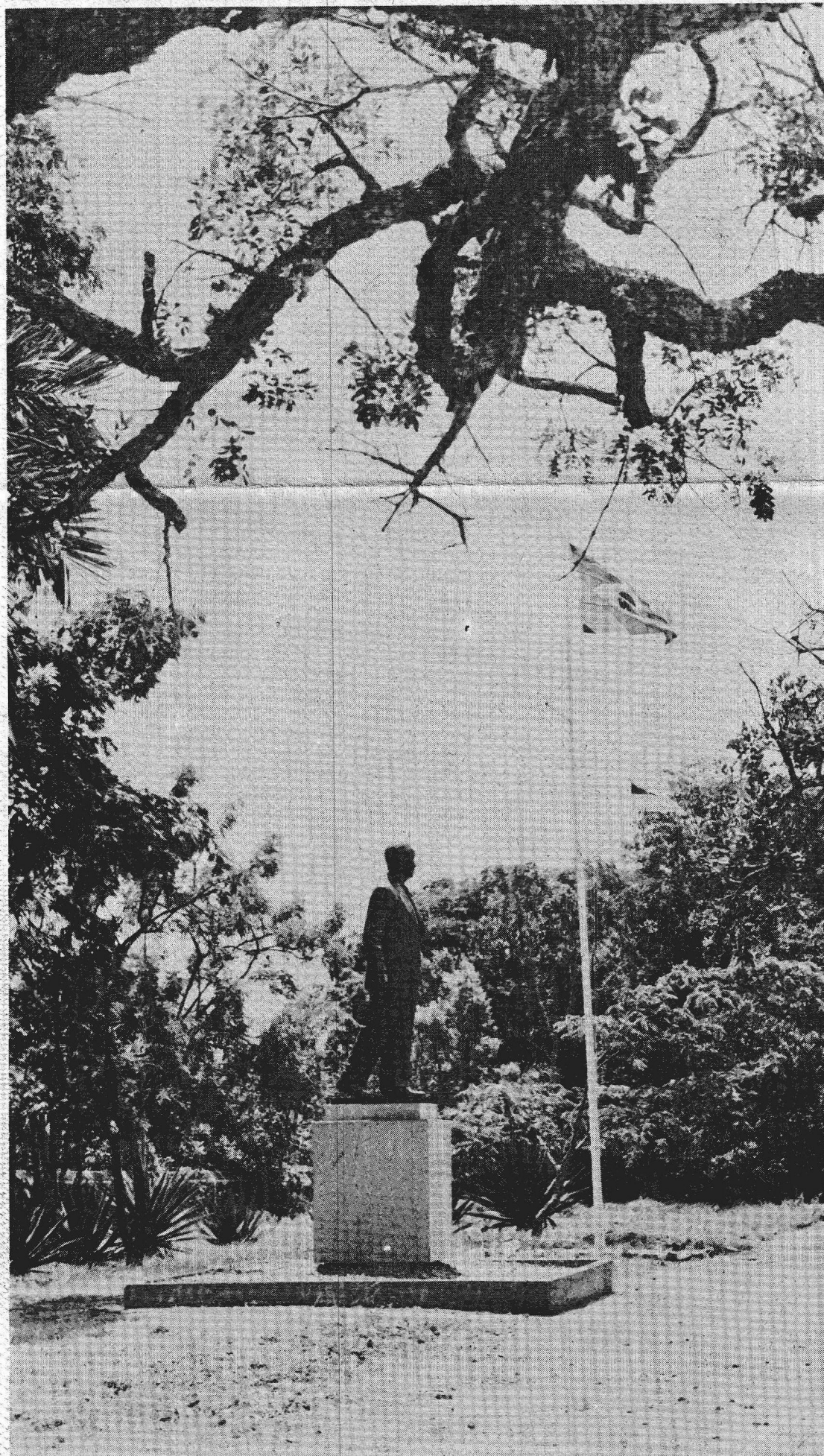


Altamirando Pacheco,
ex-guarda-campo da FAB,
foi contratado no tapa
pelo Pres. Juscelino
e por Bernardo Sayão
para cuidar do campo
de pouso do Catetinho.
E assim fez História



CATETINHO

TEXTO: HEITOR HUMBERTO DE ANDRADE FOTOS: LUIZ LEMOS



Quando o grande bandeirante brasileiro, Bernardo Sayão, em junho de 1956, saltou no Aeroporto de Luziânia, acompanhado do Altamirando de Moura Pacheco, Jofre Mosaico Parado, entre outros técnicos e engenheiros, constituindo-se na primeira visita da Comissão encarregada da escolha e desapropriação do Distrito Federal, encontrou como guia o Guarda-Campo da FAB Luciano Pereira.

— “Durante dez anos” — Conta Luciano — “eu fui funcionário da FAB. Minha missão era tomar conta do Aeroporto de Luziânia. Logo que o eng. Bernardo Sayão saltou do avião nessa visita, foi me perguntando: “Quanto você ganha aqui? Respondi: “Estou na FAB há dez anos, ganho 800 mil réis por mês”.

— Eu vou lhe pagar dois contos de réis para você vir trabalhar comigo.

— Em 27 de outubro estava nomeado pela NOVACAP na mesma função que exercia na FAB: Guarda-Campo. Quando o Presidente Juscelino Kutitschek chegou pela primeira vez no Planalto Central, fui eu quem o recebi na pista que havia em frente à Fazenda do Gama, no dia 2 de outubro de 1956. Atualmente essa pista está abandonada.

Em seguida, diz Luciano que até 1958 ficou como Guarda-Campo do Planalto:

— Foi nessa época que o próprio Presidente Juscelino, com a Diretoria da NOVACAP, me promoveu a Administrador do Catetinho, onde estou até hoje, com a minha mulher e 10 filhos.

— A história dessa obra foi muito interessante. O Presidente Juscelino queria ficar em Brasília acompanhando os trabalhos da Nova Capital. Não havia acomodações para recebê-lo. Foi aí que se deu o milagre: em dez dias aprontamos o Catetinho. Oscar Niemeyer havia deixado a planta do prédio com o engenheiro responsável pela obra. Cortamos a machado nessa própria área as vigas e os esteios. Como não havia energia elétrica, tudo foi serrado na tração do Jeep. De 22 a 31 de outubro de 1956, um grupo de amigos construiu esse prédio.

Custou, nessa época, a quantia de 500 contos e foi uma grande surpresa para o Presidente, quando ele retornou ao Palácio e viu o Catetinho pronto.

A planta do Catetinho foi a primeira de Brasília. A escolha do local também foi uma das medidas curiosas. “Seu Geraldo, antigo fazendeiro na região, ofereceu ao Presidente, numa das suas visitas com o ministro da Guerra, General Teixeira Lott, o Governador de Goiás, Juca Ludovico, Bernardo Sayão e o Dr. Altamir Moura Pacheco, entre outros, o terreno com três olhos d’água.

— Aqui nasceu a Capital Federal, diz Luciano.

Desde então, esta fonte para milhares de brasileiros, é uma fonte sagrada. Muitas pessoas quando estão em dificuldades ou quando querem receber uma graça, fazem promessa em visitá-la. Realmente quem a conhece sente a divindade das águas. O local parece um desses lugares sagrados. É pena que a chamada sociedade de consumo não tenha a sensibilidade em vê-la assim. Milhares de turistas, brasileiros e estrangeiros vão aí com o espírito de pic-nic. Até mesmo uma placa de refrigerante já está pregada no barzinho. Latas de cerveja e guaraná estão espalhadas pela fonte. Apesar do imenso trabalho de Luciano e sua família que procuram manter o Catetinho e sua fonte sempre limpa, isso é quase impossível, pelo número de pessoas que vão lá.

LEGISLAÇÃO

De 7 de outubro até agora, o Catetinho foi visitado por mais de cinco mil pessoas. Seria interessante que houvesse uma legislação que proibisse as pessoas consumirem bebidas nesse local. Assim como jogar qualquer tipo de lixo, evitando que um espaço como esse fosse poluído. Afinal, se para muitos a fonte é apenas um local turístico, para outros é um templo.

— O templo da Nação.

Das 8 às 18 horas, de domingo a domingo, o Catetinho está aberto às visitas. Segundo Luciano, algumas pessoas aparecem para escrever, outros meditam. A maioria olha as coisas como turistas. Autoridades

civis e militares, escritores, artistas já visitaram o Catetinho. Há um detalhe curioso. O único Presidente que visitou o Catetinho depois de Juscelino, foi Craveiro Lopes, de Portugal.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Luciano Pereira, 52 anos, nasceu em Luziânia. Desde que foi nomeado Administrador do Catetinho, nunca mais exerceu outra atividade. Certa vez — diz ele — o Governador Helio Prates, vindo aqui, me disse:

— Luciano, eu acho que você e sua família estão muito isolados aqui. Você tem 10 filhos. É preciso educá-los. Vou providenciar um apartamento para você lá no Plano.

— Governador, só saio daqui amarrado.

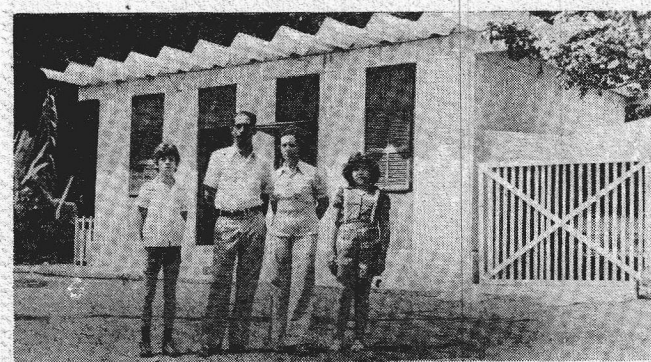
O Governador deu uma grande risada e disse: “Você e o Catetinho são Patrimônios Históricos”.

Luciano foi o primeiro funcionário nomeado pela NOVACAP em Brasília. Atualmente está lotado no DETUR. Ganha Cr\$ 2.200,00 por mês contando com salário e gratificação.

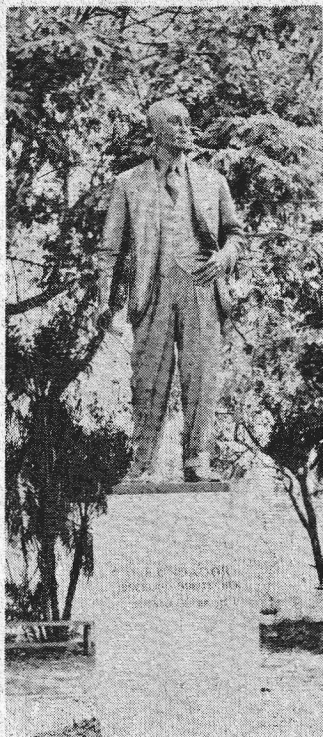
Dos seus dez filhos, alguns nasceram em Brasília, e os gêmeos são afilhados de JK.

A grande satisfação hoje de Luciano e sua família é a conservação que o Governador Elmo Serejo mandou fazer no Catetinho e em toda a área tombada. Ela corresponde a 410.272,75m². É pena que a casa de “seu” Geraldo, o fazendeiro que vendeu ao Governo Federal o terreno hoje tombado, não faça parte do conjunto. Trata-se de uma antiga casa colonial, do mais puro estilo goiano. Apesar de estar muito bem conservada, faz parte do Country-Clube. Atualmente serve de vestuário e moradia dos seus empregados.

Nessa casa, a extinta companhia aérea “Panair do Brasil”, construiu a primeira estação de rádio do Brasil Central. Depois veio a NOVACAP e também instalou sua estação. Mas, não há nenhuma placa indicativa desses acontecimentos. Como se, Luciano como personagem é o melhor testemunho vivo nesse espaço sagrado da história do Brasil.



Luciano Pereira, sua esposa e dois filhos



Esta casa colonial
é a antiga sede
da Fazenda
do Gama,
onde JK negociou
o local do
Catetinho.
Aí também foi
instalada
a primeira rádio
do Brasil Central,
da “Panair
do Brasil”